

APRESENTAÇÃO

Com o falecimento de Saba Mahmood, a comunidade antropológica perdeu uma de suas vozes mais estimulantes e rigorosas. Foi com tristeza que nós, membros do Núcleo de Estudos da Religião, tomamos conhecimento do ocorrido e dedicamos um de nossos encontros a (re)ler seu único texto até então traduzido para o português. Este número 36 da revista *Debates do NER* visa diminuir esta lacuna de tradução e ampliar para a comunidade de língua portuguesa o acesso a outro dos excelentes textos da autora. É com satisfação que publicamos a tradução (finamente realizada por Daniel Silva com a revisão de Bruno Reinhardt) de “Religious reason and secular affect: an incommensurable divide?”, texto inicialmente veiculado em 2009 pela *Critical Inquiry* (a quem agradecemos pela cessão dos direitos).

A tradução é acompanhada de cinco artigos de comentários ao texto de Mahmood: Leonardo Schiocchet (ISA-ÖAW, Áustria), em “Blasfêmia ou intolerância? O secularismo e a injúria muçulmana”, amplia o escopo de reflexões sobre o tema ao promover um contraste do argumento de Saba Mahmood com o de Mahmood Mandani sobre o caso, nos levando a questionar “até que ponto o foco no sujeito religioso ajuda a entender comportamentos e sensibilidades como estes evidentes na injúria em questão?”; na sequência, temos Everton Rangel e María Elvira Días-Benitez (Museu Nacional/UFRJ) com “Barreiras incomensuráveis? Um comentário”, no qual questionam os grandes divisores e as visões dualistas do mundo para se perguntar, com Achille Mbembe, sobre o mundo em comum, mesmo quando este mundo é marcado pelo tratamento racista que recebe o povo muçulmano na Europa; já Daniel do Nascimento e Silva (UFSC), em “Signos injuriosos: Saba Mahmood, os cartuns dinamarqueses e o debate sobre ideologias linguísticas”, aprofunda o debate sobre as ideologias linguísticas ao discutir tanto as raízes calvinistas, sistematizadas por Saussure, desta posição secular, quanto

os efeitos que gerou para o apagamento da dimensão corpórea; o quarto comentário, “Razão religiosa e afeto secular: um comentário feminista”, de Fabiana Maizza (UFPE), propõe uma analogia entre o artigo traduzido e a discussão sobre mulheres do Islã *versus* o feminismo liberal e social-marxista, tensionando a partir do debate feminista a contradição de mulheres europeias defenderem o Estado (e seus direitos) quando o próprio Estado pode ser lido como símbolo da “derrota do sexo feminino”; por fim, Eduardo Dullo (UFRGS) discute em “O tempo da crítica” como o texto está estruturado a partir de dois pares conceituais (tradição e sensibilidade e tradução e incomensurabilidade/impasse) e argumenta que, ao focar na relação entre duas tradições (liberal secular e islâmica) e compará-las de maneira crítica, não apenas a própria crítica é pluralizada como as relações de poder entre distintos pressupostos ontológicos são mais bem compreendidas, dando continuidade à tradição antropológica e – ao mesmo tempo – inovando-a.

Nossa homenagem não se encerra aqui. Ela prossegue com o Dossiê Temático organizado por Michael Allan (Departamento de Literatura Comparada da Universidade do Oregon, EUA) e Bruno Reinhardt (UFSC), “Pensando com Saba Mahmood”, publicação inédita de um conjunto de oito textos apresentados no evento ocorrido em março de 2017, no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, quando já se sabia do câncer terminal que acometeu Mahmood. Além da introdução “Sobre amor e trabalho”, dos organizadores, e de um obituário escrito por Judith Butler (UC Berkeley), temos contribuições de Noah Salomon (Centro de Estudos do Oriente Médio do Carleton College, EUA), Milad Odabaei (Universidade de McGill, Canadá), Kabir Tambar (Universidade de Stanford, EUA), Mayanthi Fernando (Universidade da Califórnia em Santa Cruz, EUA), Lucinda Ramberg (Universidade de Cornell, EUA), Nadia Fadil (Universidade Católica de Leuven, Bélgica), Jean-Michel Landry (Universidade Carleton, Canadá), Mareike Winchell (Universidade de Chicago, EUA), e dos dois organizadores, Michael Allan e Bruno Reinhardt (que traduziu todos os textos do original em inglês). Este impressionante Dossiê retira qualquer possível dúvida acerca do impacto e grandeza do trabalho de

Mahmood. Sendo este material inédito, ficamos extremamente contentes que todos os autores tenham concordado com a sua publicação primeiramente em português em nossa revista.

O nosso número prossegue com mais cinco artigos e um ensaio visual. O primeiro é também um texto inédito de Judith Butler. Com o título de “Ideologia antigênero e a crítica da era secular de Saba Mahmood”, Butler aborda um aspecto crucial da disputa contemporânea acerca do gênero, que é a sua percepção como uma “ideologia”. Ao invés de ver esta posição antigênero como ressurgência de um fenômeno pré-moderno, sua sugestão é percebê-la como uma reação à recente incursão de movimentos sociais na última jurisdição da religião no contexto do Estado secular: a esfera privada da família. O segundo artigo, “Mapeando religião na cidade: reflexões sobre a criação de templos religiosos na cidade do Rio de Janeiro entre 2006 e 2016”, de Amanda Lacerda Jorge, André Augusto Pereira Brandão e Christina Vital da Cunha (UFF), traz importantes dados sobre a criação de templos religiosos, incentivando e ampliando o debate sobre violência, territorialidade e religião, sobretudo o presente nas periferias. O terceiro artigo, de Réia Sílvia Gonçalves Pereira (UFJF e UFES), intitulado “‘Deixa o menino rodar’: o carisma reteté em uma igreja pentecostal da periferia”, discute os rituais de culto ao espírito santo marcados pelo caráter extático, sensorial e pela intensidade das performances corporais, que lembram uma dança giratória, e argumenta que tanto estes rituais quanto a forma de organização da igreja fornecem pistas sobre a associação entre o reteté e o *ethos* periférico das favelas brasileiras. O quarto artigo, “Espíritos indígenas, mensageiros dos Orixás: cruzamentos, passagens e caminhos na religião afro-brasileira”, de João Daniel Dorneles Ramos (UFRGS), discute os cruzamentos e as passagens que se dão na religião afro-brasileira partindo da relação entre espíritos indígenas e Orixás, explorando a ligação afro-indígena da cosmopolítica com a sóciopolítica na sua conexão para além do humano. O último artigo, “Crenças e promessas nas travessias da vida”, de Maria Engrácia Leandro (do CIES – ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal) e José Pinto (CEPICR/UNEB), a partir de material da França e

Portugal, analisa as incidências da transmissão familiar e social na formação de um *ethos* votivo e como isto ocorre em momentos difíceis da vida dos que creem na força do seu pedido. O ensaio visual “Karma Puja”, de Mayane Haushahn Bueno (UFRGS), conclui este número, trazendo fotografias de seu trabalho de campo em Déli, na Índia, junto a um coletivo de mulheres Advasis católicas, e explorando a relação entre as tradições e rituais de suas tribos indígenas e a proposta de inculturação dos padres católicos em cuja igreja elas se reúnem.

Por fim, deixo aqui registrado meu agradecimento a todas/os que auxiliaram e tornaram possível a publicação deste número. Às pessoas que submeteram seus textos para avaliação, às/aos nossas/os pareceristas anônimas/os que, como de costume, nos auxiliam a manter o nível de excelência que entregamos agora para vocês, e, em especial, ao Bruno Reinhardt e à Barbara Jungbeck (nossa assistente editorial pelo quarto número seguido). A elas/es, muito obrigado!

Boa leitura.

Eduardo Dullo

DEBATE